

TEORIA HUMANISTA: CARL ROGERS E A EDUCAÇÃO

Autores: Letícia Dayane de Lima, Zildete Carlos Lyra Barbosa e Sandra Patrícia Lamenha Peixoto.

Ano: 2018

Resumo

A teoria humanista enfatiza as relações interpessoais, na construção da personalidade do indivíduo, no ensino centrado no aluno, em suas perspectivas de composição e coordenação pessoal da realidade, bem como em sua habilidade de operar como ser integrado. Existe uma apreensão com a vida psicológica e afetiva da pessoa, com a sua direção interna, com o autoconceito, com o crescimento de uma percepção legítima de si, dirigida para a realidade individual e grupal. Sendo assim, a abordagem centrada na pessoa (ACP) de Carl Rogers, compreende que o ato de aprender é individual, singular e peculiar de cada sujeito, de forma que a vivência subjetiva deve ser considerada, pois o aluno retém somente o que lhe convém, o que acredita ser muito importante e que se relaciona com seu contexto. O presente estudo tem por objetivo compreender as concepções de Carl Rogers sobre a educação. Para tanto, optou-se por uma revisão sistemática de literatura em psicologia, embasada fundamentalmente sobre o assunto abordado, contendo como referenciais artigos publicados em bancos de dados, livros e dissertações de mestrado no período de 1973 a 2016, com o intuito de contribuir para uma reflexão das contribuições da teoria humanista de Rogers para a educação, e do seu modelo de facilitação da aprendizagem (aprendizagem significativa bem como, da perspectiva da educação inclusiva. Portanto, Carl Rogers com seus pensamentos humanísticos da personalidade contribuiu grandemente para uma visão mais holística e sistêmica da pessoa, por acreditar que cada ser em si é capaz de se autorregular em busca de saúde e bem-estar, por acreditar na capacidade do estudante em ser o gestor do seu próprio aprendizado.

Palavras-chave:

Teoria Humanista. Carl Rogers. Educação.

1. Introdução

Carl Ransom Rogers (1902-1987) é considerado por seus entusiastas, Kirschenbaum, D. Smith, John K. Wood e Kaplan como tendo sido, provavelmente, o mais influente teórico no campo das teorias humanísticas e da personalidade, também chamada de terceira força em psicologia. Segundo Hipolito (1999) evidentemente a sua pessoa e a sua obra marcaram de maneira duradoura a psicologia e a psicoterapia não só americanas, mas também a psicologia e a psicoterapia em geral.

A sua contribuição no campo científico foi marcada por um trabalho árduo que evoluiu conforme ele evidenciava suas teorias com suas próprias experiências como terapeuta e psicólogo clínico. Publicou ao longo de sua carreira mais de duzentos e cinquenta artigos, cerca de vinte livros, elaborou documentos sonoros e vídeos sobre suas experiências tanto na clínica, como na agricultura/fenomenologia, na escola/ensino centrado no aluno, nas relações com grupos/Tgroups, no seu trabalho com famílias, arte e religião, sobretudo a sua luta contra o monopólio do exercício da prática terapêutica que na sua época de acadêmico era exercida exclusivamente por médicos e psiquiatras, colaborou para a regulamentação das práticas da psicologia atual.

Fonseca (2010) destaca os aspectos holísticos da psicoterapia humanizada e da abordagem centrada na pessoa (ACP), que auxilia para outras áreas das Ciências Sociais, abrangendo os campos da educação, das relações interpessoais, das relações familiares, das relações conjugais, da comunicação interpessoal, da gestão de recursos humanos, da gestão de empresas, da resolução e mediação de conflitos, pessoais, interpessoais e sociais, nos universos políticos e raciais e por fim no trabalho de grupos de encontro que foi o foco de Rogers a partir da publicação da obra “Uma Maneira de Ser” publicada em 1980, faz referência a sua filosofia de vida que implicou e ainda implica em todos os domínios do humano, se tornando eficaz em vários aspectos das relações humanas.

O presente trabalho tem a finalidade de destacar a concepção de homem por meio dos pensamentos de Rogers, salientando a sua proposta

pedagógica; visando uma futura aplicação desses construtos para um estágio básico em psicologia escolar com a proposta de um projeto de intervenção em uma escola inclusiva. Aprofundar na personalidade de Rogers, impulsionando a uma reflexão sobre o respeito pelos valores morais e religiosos, sobre a necessidade de afetividade, a importância da comunicação, da observação dos fenômenos da natureza humana, promovendo um movimento positivo rumo à busca de soluções práticas para as problemáticas comumente enfrentadas no ambiente escolar.

2. Metodologia

O presente estudo tem por objetivo compreender as concepções de Carl Rogers sobre a educação. Para tanto, optou-se por uma revisão sistemática de literatura em psicologia, embasada fundamentalmente sobre o assunto abordado, com o intuito de contribuir para uma reflexão das contribuições da teoria humanista deste autor para a educação, e do seu modelo de facilitação da aprendizagem (aprendizagem significativa) bem como, da perspectiva da educação inclusiva.

Sampaio e Mancini (2007, p. 84) afirmam que, “uma revisão sistemática, assim como outros tipos de estudo de revisão, é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema”. As pesquisas bibliográficas permitiram a obtenção de conhecimentos por meio de materiais relevante, tomando-se por embasamento o que já foi publicado em relação ao tema, de forma que seja delineada uma nova abordagem sobre ele, fornecendo conclusões que permitam servir de embasamento para futuras investigações.

Diante do exposto, a metodologia utilizada nesta pesquisa foi composta por artigos, livros e dissertações de mestrado. Sendo explorados artigos, em língua portuguesa, publicados em bancos de dados como Bireme, Pepsic e Scielo, no período de 1999 a 2016. Os descritores utilizados para a pesquisa das fontes que subsidiaram este trabalho foram: Carl Rogers e educação, aprendizagem significativa, educação inclusiva, teoria humanista, teoria centrada na pessoa, Rogers e teoria da aprendizagem, teoria Rogeriana

sobre educação, professor como facilitador, inclusão, educação especial, aplicação da teoria de Rogers, Carl Rogers e suas concepções, dentre outros.

Durante a primeira busca foram encontrados aproximadamente 60 artigos sobre o tema, contudo foram empregados os seguintes critérios para exclusão: publicação em idiomas diferentes do português, artigos que possuíam assuntos que divergiam do alvo deste trabalho e publicações fora do período de 1973 a 2016. Os estudos foram selecionados conforme sua relevância e especificidade, para a sua construção foram utilizados um total de 15 referências bibliográficas, sendo 11 artigos, 3 livros e 1 dissertações de mestrado.

3. AS CONCEPÇÕES DE CARL ROGERS PARA A EDUCAÇÃO

Rogers (1985) afirma que é pelo contato que se educa e que o professor deve ser um educador-facilitador, uma pessoa realmente presente para seus alunos. O educador não deve adotar um modelo único de facilitar o aprendizado, precisa colocar os interesses dos alunos em primeiro lugar, esse método consiste em o aluno seguir, apreendendo a aprender e o professor, sendo um facilitador dessa aprendizagem de forma singular e livre, com autenticidade, aceitação, confiança tanto em si como no aluno e compreensão empática. Sugere ainda a não padronização e a universalização dos comportamentos e sim a singularizarão e o respeito às diferenças, a relação aluno professor deve transcender a sala de aula porque a educação sem atuação é comparada ao adestramento, na prática educativa o aluno precisa ser ator do seu processo de aprendizagem, refletindo, questionando e fazendo escolhas.

O educador-facilitador deve ajudar seu aluno a entrar em contato com os seus interesses, objetivos e expectativas, incentivando-o a ser um agente da sua própria aprendizagem. “A responsabilidade de tornar o curso interessante é problema individual” (ROGERS, 1973, p. 34). O aluno deve ser estimulado a buscar o sucesso na sua busca por conhecimento para não se tornar um mero acumulador de informações.

Conforme Rogers (1985) o professor necessita exprimir, também, seus interesses, suas percepções e seu desejo sincero de ensinar, utilizando métodos estimulantes para colocar os conteúdos propostos e situar-se na sala de aula. A diferença principal que Rogers sugere é que o espaço da aula e do professor não seja previamente estabelecido, porém que venha sendo construído por um conjunto de pessoas autênticas que se comunicam e se relacionam entre si.

Rogers (1985) afirma, ainda, que o desafio das instituições de ensino seja proporcionar uma atmosfera favorável onde estudante e professores se sintam livres para novas descobertas, sem sofrer pressões ou censuras externas, com autoaceitação, sendo apenas o que se é sem se enganar. A aprendizagem autoiniciada proposta por Rogers envolve a pessoa do aprendiz de forma holística, unindo sentimento e intelecto, desta forma se tornando ainda mais duradoura. A chamada aprendizagem socialmente útil deve fazer parte da vida do aluno moderno, o qual deve incorporar dentro de si um processo de mudança, aprendendo a aprender, estando aberto a novas experiências e busca de conhecimento.

Na obra “Torna-se Pessoa” Rogers enfatiza que o ensino e aprendizagem dependem do conhecimento autodescoberto, tornando-se uma verdade assimilada pela experiência pessoal do aluno, afirma que nessa forma de aprendizagem quando o sujeito é orientado a se colocar mais aberto as suas experiências, vivenciando-as de forma integralizada. Ao abordar as perspectivas sobre as influências das aulas no comportamento humano constatou, com base nas suas próprias experiências que, tudo que é aprendido de forma significativa é o que se torna consciente e que alcançar a congruência é fundamental para elaborar um conteúdo aprendido em conteúdo consciente, interferindo e causando mudanças significativas na personalidade do estudante (ROGERS, 1987).

Conforme Zimring (2010) as ideias de Rogers sobre o ensino centrado no estudante, baseado no conceito de “não-diretividade” oriunda das suas experiências na clínica, sugere que os professores devem adotar uma postura similar ao terapeuta na sua relação com o aluno, aplicando técnicas de empatia, profundo respeito e principalmente autenticidade, nesse processo o professor precisa ser capaz de acolher e compreender seu aluno com estima,

partilhando os sentimentos de temor, desânimo e expectativa de forma empática, sempre experienciando junto com eles as descobertas de novos materiais, desta forma vai se consolidando uma aprendizagem autêntica e verdadeira.

Admite, ainda, que na prática tais atitudes positivas sejam difíceis de aplicar porque para que o professor seja autêntico, sincero e verdadeiro é necessário que ele trabalhe esses princípios em si, visando adquirir uma atitude humanizada, evoluir como pessoas, a encontrar satisfação plena na sua relação com os alunos.

Zimring (2010) descreve alguns relatórios escritos no livro “Liberdade para aprender” com várias pesquisas e vastos estudos realizados com centenas de alunos e professores de escolas primárias e escolas técnicas, onde foram aplicadas em sala de aula as estratégias da aprendizagem significativa e experiencial postulada por Carl Rogers com resultados muito positivos que denotam a eficácia do modelo educador – facilitador, quando aplicada de forma holística, envolvendo principalmente a autenticidade, o apreço, a confiança e aceitação.

A dificuldade encontrada tanto nos estudos já citados como em outros milhares realizados por entusiastas de Rogers, reflete uma angustia gerada por uma mudança relativamente significativa sobre o conceito de aprendizagem, as perguntas mais frequentes nos questionamentos daqueles professores que não despegam da forma tradicional de ensino são sempre relativas à como elaborar as provas, como avaliar o desempenho, como atuar de forma individualizada com tantas outras limitações de tempo e recursos encontradas na maioria das instituições de ensino.

Alguns educadores acreditam que uma aprendizagem individualizada desse tipo é completamente impraticável, pois geraria uma necessidade de aumentar o número de professores nas escolas. Rogers refuta, afirmando que quando as crianças estão ávidas a aprender, podem ser autônomas no seu próprio processo de aprendizado e que se empenham sozinhas numa grande quantidade de estudo e a capacidade que a criança tem de ensinar outras, gerando assim uma economia de tempo por parte dos professores porque a atitude de confiança nos alunos gera uma redução nos problemas de disciplina (ZIMRING, 2010).

Para Almeida (2002) as contribuições de Rogers na formação de professores facilitadores que atuam, explorando a pessoa criativa dos estudantes, tornam possível estender uma atmosfera de respeito mútuo e liberdade de expressão mútua em sala de aula, para que seja igualmente aplicado com os alunos com dificuldades educacionais especiais. Professores de escolas inclusivas podem adotar a mesma atmosfera de valorização do afeto, porque aprender não é apenas acumular conhecimento e os aspectos cognitivos não são abrangentes ou separados dos aspectos afetivos no processo de aprender.

Qualquer pessoa independente da sua limitação cognitiva ou biológica, sendo instruída no modelo autoiniciado, que aprende de forma significativa, com a aprendizagem centrada na pessoa, se torna capaz de se adaptar às mudanças que ocorrem durante a sua vida de forma contínua, afinal a vida é um processo de mudança, tudo que hoje está estabelecido como sendo o certo, o ideal, pode mudar a qualquer momento, onde houver um ser fenomenológico, haverá mudanças, não existe um ser estático.

Toda pessoa sem exceção pode aprender alguma coisa com o outro, é com base nessa premissa que Rogers salienta que o educador-facilitador que se permite se relacionar de maneira respeitável, autoconfiante, com aceitação e um olhar positivo quanto à capacidade do ser humano de se reinventar e aprender a aprender contribui não apenas no crescimento do seu aluno, entretanto no seu próprio crescimento pessoal.

Conforme Moreira (2010) o pensamento de Carl Rogers sofreu evoluções ao longo de sua trajetória pessoal e profissional, a sua abordagem teórica concomitantemente foi se modificando conforme seu olhar se voltava para além da clínica. O universo educacional teve sua atenção no ensino centrado no aluno, que precedeu a abordagem centrada na pessoa (ACP), perpassando ao Rogers professor e facilitador de grupos com uma constante preocupação com o social e com a paz mundial. Publicou várias obras literárias voltadas para facilitação do aprendizado e formação de professores, processos sociais e transformação de culturas. Rogers influenciou o surgimento de outras vertentes chamadas de pós-Rogerianas, a linha existencial-fenomenológica desenvolvida também por autores brasileiros dentre eles, Advíncula, AmatuZZi, Boris, Cury, Fonseca e Holanda.

A aplicação da psicologia Rogeriana nas escolas brasileiras se deu a partir dos anos 1970. Baseadas na proposta não-diretiva na educação uma série de escolas foram veemente criticadas por não haver uma compreensão adequada sobre os princípios do não diretivismo, causando opiniões do tipo, “os alunos fazem o que querem”, diante das admoestações de Rogers sobre a suspensão de processos avaliativos tradicionais como provas e notas, substituindo por um processo humanizado de conscientização, respeito e confiança no aluno, dificultaram a aceitação das mudanças sugeridas pelo modelo significativo de ensino.

Até os dias atuais ainda se encontra muita resistência a proposta humanista, porém já muito difundida e comprovada eficácia para qualquer nível educacional. A difusão da abordagem construcionista que traz o paradigma de que aprender é construir relações, vem sendo apoiado por vários outros entusiastas de Rogers, sendo possível encontrar os fundamentos humanistas e da ACP em vários Projetos Político Pedagógicos de diversas escolas (RIBEIRO, 2007).

4. O PARADIGMA INCLUSIVO E AS IDÉIAS DE CARL ROGERS

Segundo Silva (2009) a perspectiva da inclusão tem seu ímpeto demarcado no processo histórico, por isso é necessário compreender esse contexto que se insere o processo de abrangência das desigualdades sociais. Na idade média a sociedade era dominada pela igreja, a qual entendia a deficiência como sendo consequência de forças demoníacas, interligadas a atitudes de bruxaria e feitiçaria. Nos tempos medievais surgiram as primeiras ações de caridade para com os portadores de deficiências, refletida pela compaixão de alguns nobres movidos por algumas ordenanças religiosas, os quais estiveram à frente de criações de hospícios e abrigos que acolhiam deficientes e pobres.

Durante o século XIX e início do XX, os deficientes passaram a ser inseridos em instituições assistencialistas. Em 1818 houve um grande acontecimento que marcou a educação de pessoas com deficiência, devido ao empenho de alguns médicos e educadores como Maria Montessori e outros,

que lhe efetivaram. Anteriormente o que era visto como causa demoníaca passou a ser entendido, como decorrente de fatores biológicos, sociológicos e psicológicos, inicialmente de competência de médicos e posteriormente de psicólogos e educadores. Na década de quarenta do século XX, as práticas de institucionalização dos deficientes passaram a ser questionadas. E decisivamente com as mudanças sociais do pós-guerra, os estabelecimentos dos direitos da criança e dos homens contribuíram para o início da fase de integração e para a compreensão de um novo olhar para o outro.

Conforme Silva (2009) atitudes de desconfiança, oposição e apreensão que os professores e demais profissionais da escola se atribuíam, como também de indiferença e apreço em aplicações de métodos de aprendizagens formais, de disciplina e competência, que conferem aos estudantes, dificultam a identificação e a análise de necessidades educacionais especiais. Esta formalização de ensino-aprendizagem dificulta a inclusão dos alunos com dificuldades, pela falta de conhecimento e de adequações na formação dos professores para estarem aptos a lidar com as diferenças. O que sugere entender as competências para organizar atividades, selecionar conteúdos e articular conhecimentos, fazendo-se refletir o nível de formação e as falhas do processo de educação.

Segundo Marinho-Araújo e Almeida (2005) as crescentes desigualdades sociais marcam a sociedade, onde a precariedade de serviços fornecidos como (educação, saúde, moradia, lazer etc.) são ineficientes e em certas situações inexistentes. Como consequência de tudo isto, a marginalização, violência, drogas, miséria e doenças se propagam. A demanda alta de trabalho e de muitos estudantes para serem alfabetizados, educados e instruídos, na maioria dos casos é um dos fatores que implicam na utilização por parte dos professores de métodos, técnicas e conhecimentos tradicionais e repetitivos.

Os professores enquanto profissionais da educação são formados e educados para saber ensinar e educar. Devem possuir domínio técnico, metodológico, conhecimento, saberes e linguagem crítica. No Brasil foi regulamentado e aprovado o recrutamento de profissionais da educação para o sistema de ensino público por meio de concurso público, que assegura a seleção de profissionais qualificados.

Percebe-se que a educação no Brasil tem muito a ser mudada e melhorada, as escolas de ensino público, em sua maioria, são problemáticas, possuem estruturas precárias, falta de recursos (bancas, cadeiras, livros, computadores, merendas, transporte etc.), como também a ausência de profissionais. Isto e outros fatores têm causado desesperança, desânimo e desmotivação nos professores, como também, a exaustão emocional, despersonalização, a falta de envolvimento pessoal no trabalho, juntamente com os conflitos internos e externos, contribuem para a estagnação destes profissionais (MARINHO-ARAÚJO; ALMEIDA, 2005).

A escola de ensino regular tem o dever de se ajustar a todas as crianças, independentemente de suas capacidades físicas, mentais, sociais e econômicas, como também de características étnicas, pobreza e marginalização. A educação inclusiva apresenta o desígnio de que todos os alunos que estão inseridos na escola possuem o objetivo de aprender e, desta forma, se comunicam e interagem entre eles, voluntariamente, não dependendo de dificuldades que cabe a escola adaptar-se-á.

O que implicitamente pode ser um desafio para a escola em instituir novas metodologias de aprendizagem. O fundamento da igualdade de direitos entre pessoas sem ou com deficiências se baseia nas particularidades de cada sujeito que devem possuir igual importância e que as necessidades de cada um devem fazer parte da base de um programa de planejamento social, que também devem ser integrados recursos que garantam a todas as pessoas oportunidades igualitárias de conhecimento (SILVA, 2009).

Segundo Silva, Morais e Barbosa (2013) os conceitos de Carl Rogers valorizam o indivíduo por completo. No ensino contemporâneo só está sendo estimada o componente intelectual, de forma que tendem a fazer uma separação de elementos que são inerentes, o conhecimento cognitivo está interligado com as experiências do homem (mente, corpo, cognição, emoção, sentimentos e inteligência). Desta forma, suas concepções vieram a contribuir nas pesquisas na área da educação, com o intuito de compreender o desenvolvimento da criança no todo, percebendo e valorizando sua expressão de inteligência não somente a questão do raciocínio, mas as habilidades linguísticas, físicas, musicais, cognitivas, corpóreas, interpessoais e intrapessoais.

Considera que o estudante deve ter liberdade para aprender, sendo o professor apenas um facilitador do processo de aprendizagem significativa, estimulando a curiosidade da criança para que esta busque conhecimentos que são do seu interesse explorando e questionando. Isto permite que o aluno se sinta especial, confiante e seguro, pois o facilitador da aprendizagem (professor) possibilitará que ele tenha autonomia e aprenda não somente o que é transmitido por este, mas por meio da sua própria busca por conhecimento.

Conforme Amatto e Alves (2016), nesse contexto, Rogers objetivou possibilitar o desenvolvimento integral da criança, ou seja, crescimento acadêmico e profissional, como também sua autonomia no processo de aprendizado. Ponderava que este processo necessitaria ser iniciado automaticamente, pois, deste modo o estudante teria a capacidade de dirigir seus próprios interesses e objetivos.

De acordo com Souza, Lopes e Silva (2013) a ACP de Carl Rogers, compreende que o ato de aprender é individual, singular e peculiar de cada sujeito, de forma que a vivência subjetiva deve ser considerada, pois o aluno retém somente o que lhe convém, o que acredita ser muito importante e que se relaciona com seu contexto. O facilitador de aprendizagem tem o dever de aceitar incondicionalmente os medos e hesitações que o estudante sente conforme compreende o aprendizado.

Assim, é dever da escola e do facilitador proporcionar um ambiente favorável e acolhedor de aprendizagem, ou seja, para Rogers a empatia é pautada no aporte positivo para o clima adequado ao processo de aprendizado, sendo a capacidade da pessoa em se colocar no lugar da outra. Quando o aluno entende que sua experiência é assimilada pelo outro, possibilita-se o desenvolvimento de uma aprendizagem efetiva e concreta. Desta forma, o facilitador e o estudante devem ser leais a seus sentimentos e percepções, para então construir uma relação íntegra e de transparência entre professor e aluno.

Segundo Duek (2006) a inclusão é pautada na forma como a escola percebe e lida com as diferenças, possuindo como ponto principal a relação com o outro. Não é somente permitir que uma criança carente ou com necessidades especiais seja integrada a escola, cumprindo com a lei que

dispõe que a educação é direito de todos, é mais do que isso, é proporcionar igualdade, respeito e condições favoráveis para a aprendizagem e interação com todos da escola (alunos, professores, funcionários etc.).

Rogers enfatiza que a inclusão como um processo, conjectura uma constante evolução, antecipa a concepção do “eu” do indivíduo que se estabelece nesse processo. Por meio das interações que são estabelecidas entre as pessoas, conforme se tornam um “outro” para algum sujeito, em um entrelaçado de “eus”, que se constituem cotidianamente. Sendo assim, o “eu” é um componente individual, singular e peculiar de cada indivíduo, que quando articulado com o de outro, forma conexões, e quanto mais entrelaçado com várias pessoas, mais os sujeitos evoluem e interagem socialmente.

Por meio do convívio social e das vivências as pessoas vão construindo e modificando sua visão, pensamento e concepção, bem como o modo com o qual se relaciona com a realidade. Portanto a experiência subjetiva do “eu” deve ser levada em consideração na escola, pois é ela quem irá estabelecer as primeiras conexões sociais extras familiares da criança. Deve-se então possibilitar que haja interação entre as crianças, que aprendam umas com as outras e que o processo de aprendizagem seja significativo, onde o professor facilite a forma como se aprende, promovendo que as necessidades especiais de uma criança com deficiência não seja um empecilho para que esta desenvolva suas próprias competências (DUEK, 2006).

Segundo Amatto e Alves (2016) as concepções de Rogers sobre educação inclusiva possuem seus fundamentos nas necessidades da criança por completo, e não somente enquanto estudante. Sendo assim, é dever da escola assegurar uma educação adequada e dirigida para o desenvolvimento das competências da criança, compreendendo os níveis físico, emocional, social e afetivo. Corresponde a uma metodologia educativa que englobe o desenvolvimento pessoal do estudante e não apenas o intelectual.

5. Conclusão

Diante do exposto é possível concluir que Carls Rogers com seus pensamentos humanísticos da personalidade contribuiu grandemente para uma visão mais holística, ecológica, organísmica e sistêmica da pessoa, foi por acreditar que cada ser em si é capaz de se autorregular em busca de saúde e bem estar, por acreditar na capacidade do estudante em ser o gestor do seu próprio aprendizado e que um grupo terapêutico pode ser um multiplicador de experiências e motivador de mudanças, que ele ao longo de sua carreira baseado em suas próprias experiências como psicólogo clínico e psicoterapeuta criou a abordagem centrada na pessoa, ACP, à chama terceira força da psicologia atual.

Foi com base nessas teorias que ele lutou contra um monopólio estabelecido na sua época onde a prática terapêutica era exclusiva da classe médica, contribuindo assim de maneira impar para a psicologia atual, enquanto profissão. Os conceitos de não-diretividade, da aceitação da própria experiência como pressuposto para aceitar a si e ao outro, ser o que realmente se é, ter consideração positiva incondicional, congruência e incongruência, enfim todos os preceitos de Rogers levam-nos a uma conclusão que de complexa torna-se até simplista após analisar de maneira mais profunda a cerne da sua teoria por ser único, sobre como facilitar o processo do “Tornar-se Pessoa”.

Paradoxalmente é essa simplicidade na compreensão do homem como ser positivo que gerou críticas e dúvidas sobre a eficácia do postulado de Rogers, por trazer, inevitavelmente, um caráter filosófico ainda visto pela ciência como algo sem solidez ou até sem rigor, sendo essa talvez, a crítica mais rebatida pelos entusiastas dele até os dias atuais.

Neste trabalho foi possível constatar que a ACP, corrobora como para novas abordagens que auxiliam a psicologia escolar e educacional, a pedagogia, a psicologia social dentre outras, a ter uma atitude inclusiva por difundir a concepção Rogeriana de que nós estamos num processo de aprendizagem contínua e que somos multiplicadores dessa aprendizagem, para tanto está lançado o convite ao leitor, para se debruçar não só nas experiências de vida de Rogers, entrar em contato com sua própria

experiência ao fazê-lo, pois só assim poderemos constatar o que segundo Rogers é a condição básica ou a mola propulsora para o desenvolvimento humano. Segundo Fonseca (2009 apud Rogers, 1977, p. 255) “[...] uma das condições quase sempre presentes é um desejo indefinido [...] de aprender ou de se modificar.”

6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L.R. Contribuições da psicologia de Rogers para a educação: uma abordagem histórica. In: PLACCO, V.M.N.S. (Org.). Psicologia & educação: revendo contribuições. 5.ed. p.63-95. São Paulo: Educ, 2002.
- AMATTO, L.L; ALVES, V.L.P. Uma reflexão a respeito da educação inclusiva e medicalização da infância a partir das ideias de Carl Rogers sobre educação. Memorandum, p.224-242, 2016. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a30/amattoalves01/>>. Acesso em: 27 ago. 2016
- DUEK, V.P. Docência e inclusão: reflexões sobre a experiência de ser professor no contexto da escola inclusiva. 2006. 186p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.
- FONSECA, M.J.M. Carl Rogers: uma concepção holística do homem - da terapia centrada no cliente à pedagogia centrada no aluno. Millenium: ordem, Viseu, Portugal, v.1, n.36, p.1-28, 2009.
- HIPOLITO, J. Biografia de Carl Rogers. Revista de Estudos Rogerianos, A Pessoa como Centro, n.3, p.1-13, 1999.
- MARINHO-ARAÚJO, C.M; ALMEIDA, S.F.C. Professor e escola: trabalho e profissão. In: MARINHO-ARAÚJO, C.M; ALMEIDA, S.F.C. Psicologia escolar: construção e consolidação da identidade profissional. Campinas-SP: Alínea, 2005. p.39-54.
- MELO, A.K.S.; LIMA, R.P.; MOREIRA, V. Construção da noção de experiência ao longo do pensamento de Carl Rogers. Rev. NUFEN, Belém, v.7, n.1, p.4-31, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 2 set. 2016.
- MOREIRA, V. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. Estudos de Psicologia, Campinas, p.537-544, 2010.
- RIBEIRO, J.C.G. As intervenções de facilitação nos processos de aprendizagem. Maceió, 2007.

ROGERS, C.R. Liberdade para Aprender. 2.ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1973.
ROGERS, C.R. Liberdade de aprender em nossa década. Porto Alegre: Artes

Médicas, 1985.

ROGERS, C.R. Tornar-se pessoa. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
SAMPAIO, R.F; MANCINI, M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. Rev. bras. Fisioter., São Carlos, v.11, n.1, p.83-89, jan-fev. 2007. ©Revista Brasileira de Fisioterapia.

SILVA, E.M; MORAIS, J.A; BARBOSA, I.S. As implicações da Teoria de Carl Ransom Rogers para a Educação em ciências. Revista Amazônica de Ensino de Ciências, Rev. ARETÉ, Manaus, v.6, n.10, p.63-72, 2013.

SILVA, M.O.E. Da exclusão à inclusão: Concepções e práticas. Rev. Lusófona de Educação, n.13, 2009.

SOUZA, M.V.L; LOPES, E.S.; SILVA, L.L. Aprendizagem significativa na relação professor-aluno. Revista de C. Humanas, Viçosa, v.13, n.2, p.407-420, 2013.
ZIMRING, F. Carl Rogers. Tradução e organização: Marco Antonio Lorieri. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010.